



em revista

Ano III • nº 20 • Janeiro/Fevereiro 2003

IMPRESSO ESPECIAL
CONTRATO ECT/DR/SC
Nº 68003032
WEG INDUSTRIAS S/A

DA SEMENTE À MESA

O Brasil pode produzir muito mais comida



**BLAIRO
MAGGI:**
o novo rei da soja



Cada vez mais a gente tem a certeza que ganhar prêmios é muito simples.

É só acordar cedo, trabalhar com respeito ao cliente e buscar sempre a mais alta qualidade.

WEG, pela 3ª vez consecutiva ganhadora do prêmio Melhor Desempenho Global na Pesquisa Qualidade

94,3%

Motores Elétricos de Indução BT

39,3%

Transformadores MT/BT a Óleo



*Transformando energia
em soluções*

(47) 372-4000
www.weg.com.br

índice

Como o país pode plantar mais	4
Governador do MT é o novo rei da soja	8
Produtos WEG nas lavouras de Minas	10
Catálogo WEG agora on line	12
Motor gastador está fora da lei	13
Conweg fala em planejar e agir	15

expediente

WEG em Revista é uma publicação da WEG.
Av. Prof. Waldemar Grubba, 3300,
(47) 372-4000,
CEP 89256-900, Jaraguá do Sul - SC. www.weg.com.br,
faleconosco@weg.com.br

Conselho Editorial: Décio da Silva (diretor), Paulo Donizeti (editor), Caio Mandolesi (jornalista responsável), Edson Ewald (analista de Marketing). Edição e produção: EDM Logos Comunicação, telefone (47) 433-0666. Tiragem: 12.000.



FOTOS ANDRÉ KOJISCH

A terra é boa

Uma agricultura produtiva se faz com incentivo, dinheiro e treinamento. Assim a cadeia produtiva segue seu ritmo, alimentando as cidades. Não se pode admitir que o Brasil, com a quantidade de terra - e terra boa - que possui e um clima invejável, tenha que importar produtos agropecuários.

Não é de hoje que entidades ligadas à agricultura alertam para a necessidade de incentivo à atividade. Com crédito, os agricultores podem investir em máquinas mais modernas e técnicas de manejo que aumentam a produtividade. Outro ponto importante é o treinamento dos agricultores, principalmente os pequenos. Para suprir essa necessidade existem órgãos públicos em vários estados. Mas estes órgãos, geralmente, não têm profissionais suficientes para atender a todos os agricultores. A solução então está no cooperativismo. A associação de agricultores traz benefícios palpáveis. Basta ver que, onde o cooperativismo é mais evoluído, a agropecuária também é. No Oeste de Santa Catarina, interior do Rio Grande do Sul, Noroeste de Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo, a força do cooperativismo alavanca a produção agropecuária.

Alimentar o povo será mais fácil quando o Brasil assumir sua verdadeira vocação agrícola. Este é um jogo que pode ser vencido!

O jogo da comida

ROBERTO SZABUNIA
MÁRCIA COSTA

▶ *Com 8,5 milhões de km² de área, o Brasil poderia produzir comida em quantidade suficiente para dar e vender*

Dois pãezinhos, quatro ovos fritos, dois copos de leite. Mais ou menos R\$ 1,99.

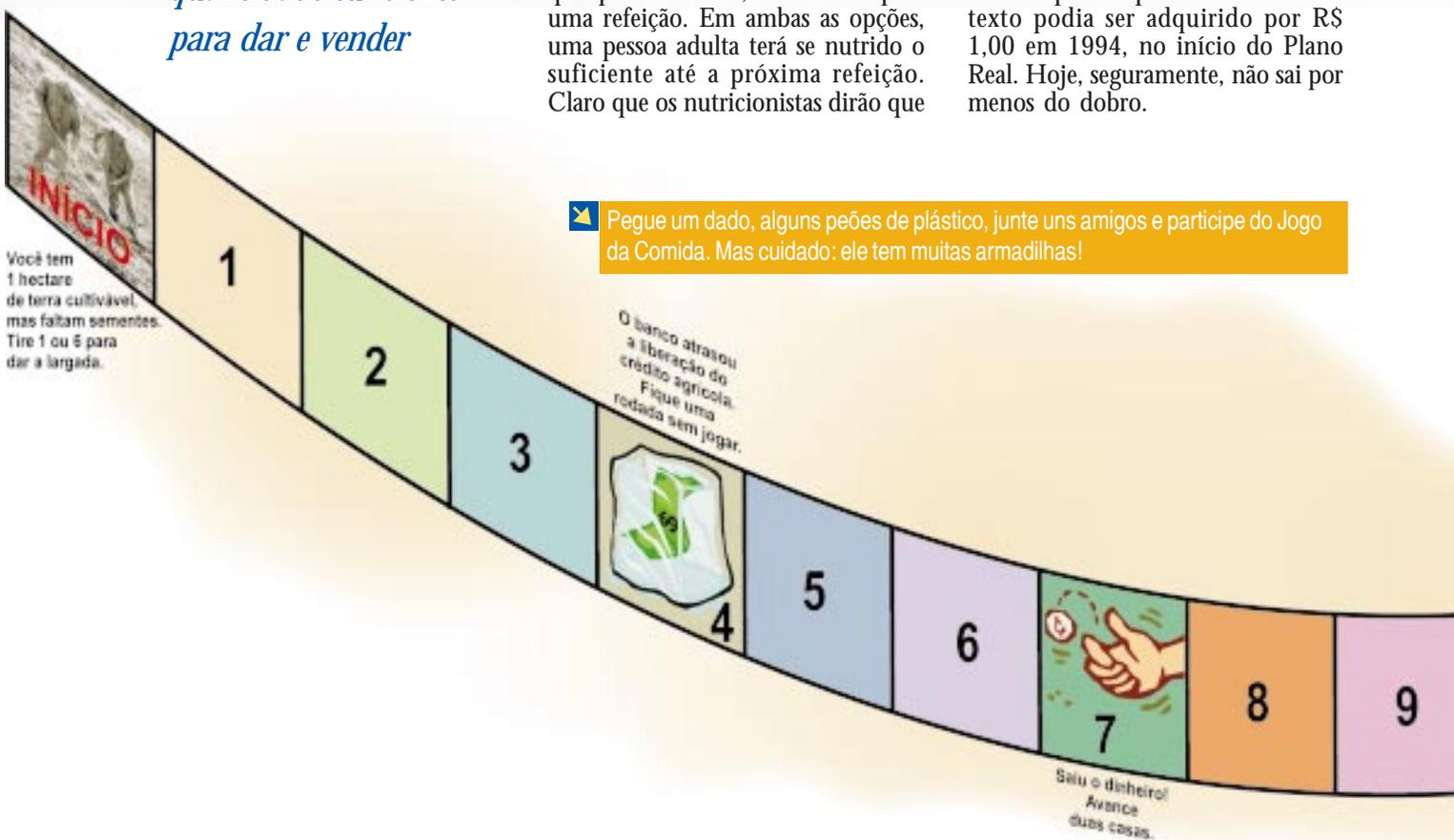
Meio quilo de filé de avestruz, maionese com passas, salada verde, arroz à grega. Cerca de R\$ 45,00.

O primeiro cardápio é simples, básico, barato; o segundo é mais sofisticado, elaborado, caro... Mas, em qualquer dos casos, é suficiente para uma refeição. Em ambas as opções, uma pessoa adulta terá se nutrido o suficiente até a próxima refeição. Claro que os nutricionistas dirão que

ambos os cardápios estão incompletos, que lhes faltam alguns elementos da pirâmide de alimentação etc. etc. Correto, mas o ponto aqui é outro: a comida que chega à mesa do brasileiro, sua origem e seu custo.

Com uma área agricultável tão grande, o país ainda vive às voltas com problemas de desabastecimento e, pior, o alto preço da comida. O cardápio simples do início deste texto podia ser adquirido por R\$ 1,00 em 1994, no início do Plano Real. Hoje, seguramente, não sai por menos do dobro.

▶ Pegue um dado, alguns peões de plástico, junte uns amigos e participe do Jogo da Comida. Mas cuidado: ele tem muitas armadilhas!



E a inflação, com certeza, não foi de 100% no período. Mas sempre há “explicações”, convincentes ou não. Neste começo de ano, por exemplo, os produtos hortifrutigranjeiros inflaram o balão dos preços. A justificativa apontou a chuva e as exportações como culpadas. O excesso de chuva prejudicou o plantio, enquanto o aumento das vendas externas pressionou o mercado interno.

Outro problema, no Brasil, é a ainda baixa utilização da área agricultável. O consultor Alexandre Mendonça de Barros, da MB Associados, avalia a taxa de utilização da área agricultável na América do Sul em apenas 15%, ante 92% do Sudeste da Ásia. Outras regiões, como o Sudoeste da Ásia, utilizam até mesmo área não recomendável, atingindo 143% da parcela agricultável. Ou seja, 43% são de terras de várzeas, encostas, que não deveriam ser usadas para o plantio.

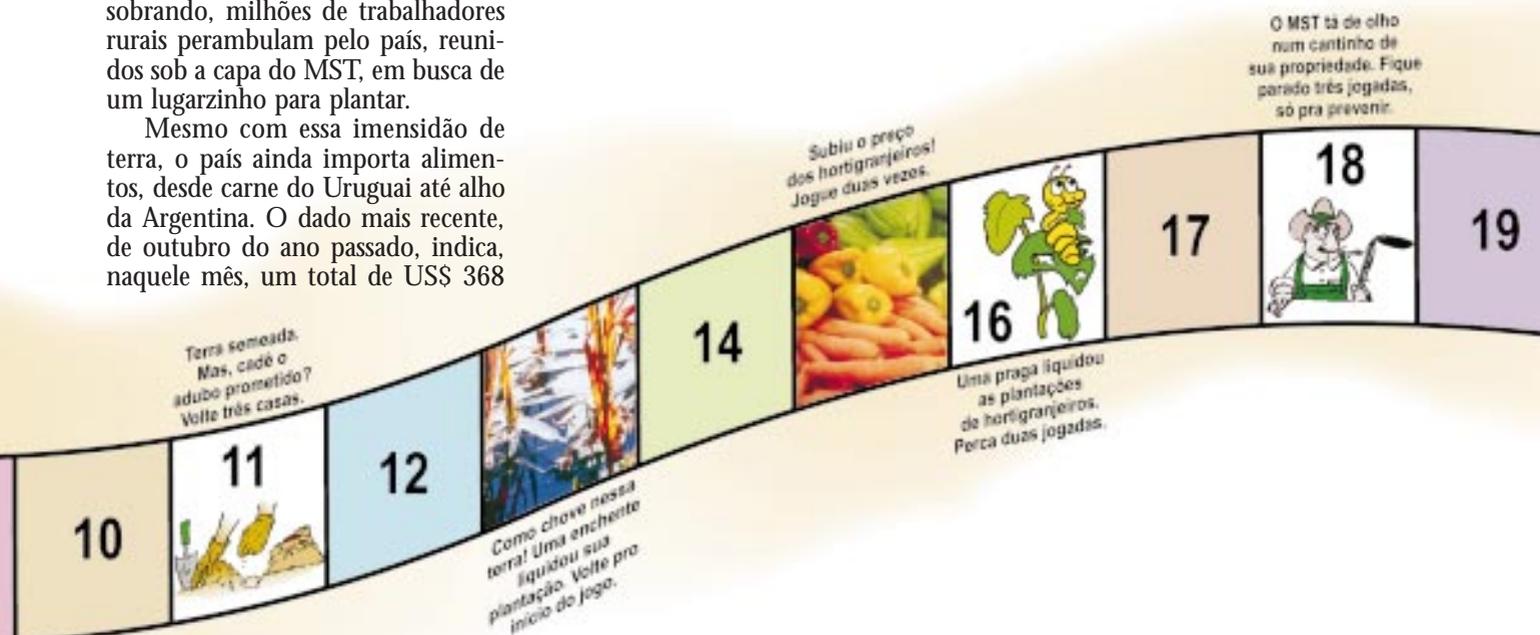
Já no Brasil, imensas áreas não são aproveitadas, sobrecarregando algumas regiões, que acabam ficando com o solo comprometido. A famosa frase na carta de Pero Vaz de Caminha dizia que “no Brasil, em se plantando, tudo dá”. Por paradoxal que pareça, enquanto a terra está sobrando, milhões de trabalhadores rurais perambulam pelo país, reunidos sob a capa do MST, em busca de um lugarzinho para plantar.

Mesmo com essa imensidão de terra, o país ainda importa alimentos, desde carne do Uruguai até alho da Argentina. O dado mais recente, de outubro do ano passado, indica, naquele mês, um total de US\$ 368

ANDRÉ KOPFSCH



▶ O Brasil ainda utiliza uma área muito pequena para a agricultura





ANDRÉ KOBSCH

▶ Em se plantando tudo dá?

milhões em importações de produtos agrícolas, sendo a maior parte (46%) de leite e laticínios. Agora, o contraste: no mesmo mês, o país exportou US\$ 2,5 bilhões a mais do que importou em alimentos! A soja lidera as vendas.

O campo representa uma tremenda força da economia brasileira. Segundo a Confederação Nacional da Agricultura, o PIB da agropecuária alcançou 95 bilhões de reais no ano passado. O agronegócio, que considera também a produção industrial baseada nas atividades agrárias, somou R\$ 341 bilhões, ou seja, um terço do PIB total do país. Com um saldo positivo de 19 bilhões de dólares em 2001, a balança comercial do setor evitou que o país fechasse com

déficit as contas do comércio externo.

O que, afinal, está errado? Por que a terra está sobrando e tem gente procurando uma glebuzinha que seja?

As respostas vêm sendo dadas pela própria história agrária brasileira, que mostra a falta de uma política séria para a agricultura. O maior exemplo está no crédito agrícola, em que montanhas de dinheiro foram dilapidadas em desvios, aplicações mal executadas e falta de planejamento. Todos os anos, o governo divulga balanços que mostram quantias enormes aplicadas no crédito agrícola. E todos os anos os agricultores batem às portas do Banco do Brasil, em busca de empréstimos e financiamentos. Em se plantando tudo dá. Mas sem financiamento, fica mais difícil.

O engenheiro agrícola Leonardo Ubiali Jacinto, diretor técnico e comercial da Pivot Equipamentos Agrícolas, de Goiânia (GO), acha que, atualmente, quem melhor empresta dinheiro para o meio rural são as empresas de insumos, porque acompanham de perto o produtor e sabem quem é quem neste meio e sabem também quem merece o crédito, independente do cadastro. “A necessidade da garantia de viabilidade econômica para cada projeto é uma burocracia que não tem sentido. O banco ou o governo deveriam liberar o financiamento só se houver viabilidade da atividade”, diz Leonardo. Para ele, “todos aqueles estudos de projeto por projeto ficam só no papel, pois a seqüência de culturas, re-

sultados de produtividade, preços de custo e preços de venda têm uma variação muito grande de uma safra para outra. Tome como exemplo os bancos particulares como o Finame Agrícola, que tem hoje um nível de inadimplência muito baixo e não exige estudo de viabilidade econômica do projeto”.

Bernhard Kiep, diretor-presidente da Valmont, empresa brasileira fabricante de sistemas de irrigação, diz que é preciso manter as poucas linhas de crédito aos grandes agricultores. E em relação aos pequenos, não somente financiar, mas disseminar o conhecimento e treinar. “É preciso focar o trabalho no ser humano, fortalecendo o sistema cooperativo”, afirma.

Para ele, o governo tem que ter muito cuidado com quais medidas tomará, visando o desenvolvimento da agricultura. “É preciso tomar medidas macroeconômicas. Sem a agricultura seria um desastre, pois o setor é importantíssimo para a balança comercial, e se for projetada de forma

positiva, gera novos empregos no campo de maneira rápida, com poucos investimentos em relação a qualquer outra área da economia”,



DIVULGAÇÃO

▶ Leonardo Jacinto

afirma. “O governo Lula tem ciência disso, e o ministro Roberto Rodrigues (Agricultura) é a pessoa mais qualificada para evitar passos errados”, ressalta.

Para ele, outro cenário atual na agricultura é a grande diferença entre os agricultores de precisão e os pequenos. “Existe uma diferença tecnológica muito grande, e o governo tem que tomar cuidado para não prejudicar os grandes agricultores ao mesmo tempo que beneficia os pequenos”, diz.



Há quem justifique: das extensas áreas de terra não aproveitadas para a agricultura, a maior parte se situa na floresta amazônica e no sertão nordestino. Certo. Porém, mesmo nestes casos, há soluções. No sertão, por exemplo, o caminho é a irrigação. Bernhard Kiep diz que nos últimos 10 anos houve uma luta para tornar a agricultura brasileira mundialmente competitiva. “Mas, hoje, a agricultura no Brasil se encontra num ponto crucial. Temos que saber que ela é atualmente a menos subsidiada em consideração com as outras agriculturas do mundo”, destaca Kiep.

Um ponto fundamental para o desenvolvimento da agricultura, respeitando a natureza, segundo Kiep, é a irrigação. “Enquanto nos Estados Unidos 32,8% da agricultura são irrigados, no Brasil não chega a 5%. O Brasil tem altos índices pluviométricos durante cinco a seis meses do ano, nos outros quase não chove. Devemos fazer reservatórios, represas para armazenar a água da chuva e usá-la na época da seca”, ressalta.

“Os ambientalistas dos Estados Unidos e da Europa - lembra Kiep - pregam o que a gente deve seguir, mas eles não seguem. No rio Columbia, nos estados de Washington e Oregon, foram criados sistemas imensos de bombeamento. Durante o verão o degelo das montanhas é bombeado para reservatórios e serve para alimentar enormes áreas agricultáveis. E lá é praticamente um deserto.”



DIVULGAÇÃO

▶ O Brasil só irriga 5% de suas lavouras

Segundo o empresário, tem de haver um planejamento estratégico. “Temos condições de plantar o ano todo. O que não pode é acontecer o travamento por parte de alguns órgãos ambientais do crescimento da agricultura no Brasil.” Na agricultura irrigada, ensina, se produz muito mais em áreas menores, sendo menor a necessidade de desmatamento de novas áreas. “O governo tem que deixar a iniciativa privada trabalhar, enquanto monitora a atividade”, afirma Kiep.



DIVULGAÇÃO

▶ Bernhard Kiep

Tecnologia, segundo ele, existe, todas as grandes empresas nesse ramo estão presentes no país. Há é falta de informação e mau uso da tecnologia. “Não dá para conseguir fome zero sem se falar na produção de alimentos”, conclui.

O engenheiro agrícola Leonardo Jacinto, concorda com a argumentação de Bernhard Kiep. Para ele, a irrigação é o meio mais ecologicamente correto de aumentar a produção, pois utilizando águas que iriam para o mar, mantém-se essa água na terra e produz-se alimentos com alta produtividade. “Um trabalho bem programado - diz Leonardo - poderá servir de estoque regulador, a partir do momento que fizermos um controle on line das áreas

agrícolas a serem plantadas; com estimativas de produtividade, poderemos prever safras e, com a irrigação, fomentar as que faltaram.”

Fala-se muito da falta de água, porém, para Leonardo, “estas informações não são verídicas para todas as regiões brasileiras”. Só para se ter uma idéia, explica, do quanto pode-se ainda aumentar a produção com a irrigação, no Brasil inteiro deve haver perto de 10.000 equipamentos tipo pivô central; nos Estados Unidos, que têm muito menos água, há mais de 350.000 equipamentos já instalados.

“No Brasil - conclui Leonardo Jacinto -, se fizermos uma projeção da instalação de 400.000 equipamentos com área média de 90 hectares, produzindo 2,5 vezes por ano, poderíamos ter um incremento da área plantada equivalente a 90.000.000 de hectares, com produtividade média pelo menos 30% acima das áreas de sequeiro.”

A agricultura precis

✦ *O empresário e agrônomo Blairo Borges Maggi, novo “rei da soja”, assumiu no dia 1º de janeiro um novo desafio em sua carreira; o governo do estado do Mato Grosso. Verdadeiro celeiro do Brasil, o estado concentra as maiores lavouras de soja do mundo. E a maior de todas, a Fazenda Itamaraty do Norte, foi fundada por André Maggi, pai do governador. Há 26 anos, Blairo deixou o Sul do país para plantar soja no Mato Grosso. Fundou a cidade de Sapezal e se tornou o maior produtor individual de soja do mundo. O Grupo Amaggi, que pertence a sua família, é o maior grupo empresarial do Mato Grosso, e um exemplo de como o agronegócio pode ser rentável, quando bem administrado. Natural de São Miguel do Iguçu, Paraná, Blairo Maggi foi suplente de senador e presidente da Fundação Mato Grosso e a Associação dos Produtores de Sementes do Mato Grosso. Nesta entrevista exclusiva à WEG em Revista, Blairo fala do que mais entende: agricultura.*

FOTOS: DIVULGAÇÃO



WR - Como grande plantador e conhecedor do meio agrícola, o que o senhor está achando da atual situação da agricultura no Brasil?

Blairo - Ao longo de muitos anos, os produtores brasileiros vêm enfrentando todo tipo de dificuldades, por conta da inexistência de uma política agrícola eficiente. Porém, apesar da falta de incentivo do governo federal no que tange a financiamentos com juros condizentes, e da falta de uma política agrícola de médio e longo prazos, a safra agrícola apresenta números admiráveis: mais de 100 milhões de toneladas na safra 2000/2001. O que falta aos governos é enxergar a agricultura pelo lado da contribuição que ela dá à sociedade brasileira. Em outras palavras, a agricultura precisa ser levada a sério.

WR - O Movimento dos Sem-Terra, antes considerado subversivo, hoje tem até representante no governo. O senhor acha que esta foi a grande vitória do MST, ou a política de ocupações deve continuar?

Blairo - A vitória de Lula, assim como a de muitos governadores, foi a vitória daqueles que querem mudança na forma de governar o país - inclusive no que diz respeito à reforma agrária. Se o governo Lula caminhar para as mudanças, as ocupações perderão a sua razão de ser. Entretanto, o MST é quem deve decidir que caminho vai tomar a partir de então.

WR - Como o senhor acha que o Brasil pode solucionar o problema da distribuição de terra para fins agrícolas?

Blairo - Como já disse o presi-

a ser levada a sério

dente Lula, o Brasil pode solucionar o problema da reforma agrária sem precisar desapropriar um hectare de terra sequer. O país ainda tem muitas áreas a serem abertas e, principalmente, muitas áreas abandonadas que podem ser recuperadas para a agricultura. Por isso, eu repito: só nos falta vontade política para reconhecer o setor agrícola como estratégico para o país.

WR - Que avanços o senhor acha que já aconteceram? E o que espera do governo Lula nessa área?

Blairo - Apesar de todas as dificuldades, o setor agrícola conseguiu se organizar para oferecer ao país recordes de produção que equilibraram a balança comercial e seguraram o Plano Real. O que se espera agora do governo federal, por um lado, é que dê as mínimas condições para que o setor continue trabalhando - tais como melhorar estradas e portos; e, por outro, incentivar os micro e pequenos produtores, dando-lhes condições de produzir e comercializar os seus produtos.

WR - O Brasil vive batendo recordes de produção e de produtividade, mas continua importando alimentos. Como superar este paradoxo?

Blairo - O fato é que tal produção sai de fazendas que usam tecnologias caras e sofisticadas - e é basicamente voltada para o mercado externo, pois é ele que pode pagar por tal sofisticação. Isso acaba gerando safras recordes de produtos pouco conhecidos na mesa do brasileiro, como é o caso da soja, e a falta de produtos para o mercado interno. Uma política governamental voltada para a formação de um setor agrícola dedicado ao mercado interno, baseando-

se, sobretudo, no apoio ao pequeno e médio produtor, ajudaria a acabar com esse paradoxo.

WR - O crédito agrícola, no Brasil, sempre andou às voltas com desvios, má aplicação e falta de planejamento. Como fazer para que o dinheiro chegue, efetivamente, ao campo e lá seja aplicado corretamente?

Blairo - Desvios e má aplicação do dinheiro público acontecem, aliás, por falta de planejamento. Daí também a importância de uma política agrícola efetiva. Sobre o crédito agrícola, especificamente, acredito que duas coisas são importantes: a desburocratização do crédito - para que o agricultor não perca mais tempo na fila dos bancos do que na lida do campo - e a diminuição das taxas de juros.

WR - Um sistema de agricultura familiar seria eficaz no país?

Blairo - O país que quiser melhorar a distribuição de renda e diminuir o inchaço das grandes cidades deve apostar na agricultura familiar. Essa é a área que mais exige a presença do governo, desde a questão da assistência técnica, da organização dos produtores de forma associativa, via cooperativa, até a qualificação dos pequenos produtores. Isso porque eles não podem ser condenados a ser eternamente ineficientes, a viver às custas de uma política governamental paternalista, ou serem obrigados a deixar o campo. Os pequenos produtores têm que ser emancipados, incluídos dentro do processo produtivo.

WR - E quanto ao cooperativismo, esse sistema não poderia ser mais forte?

Blairo - Sim. O cooperativismo é a melhor saída para a emancipação do pequeno produtor. Em associação, os agricultores podem ser mais fortes tanto na questão da produção, como principalmente na questão da comercialização. Além de produzir para seu sustento, de forma cooperativa também estarão ganhando mercado.

WR - No início do Plano Real, em 1994, com 1 real dava para comprar uma dúzia de ovos, seis pães-zinhos e um litro de leite. Ou seja: duas pessoas podiam fazer uma refeição razoável. Hoje, com 1 real não se compra sequer o leite. Por que o preço dos alimentos sobe tanto?

Blairo - A crise pela qual passa a economia brasileira não tem razões apenas internas, mas principalmente externas - que atacam diretamente a moeda e, por conseqüência, o poder de compra do assalariado. Não podemos nos esquecer, entretanto, que a estabilidade do Plano Real foi mantida muitas vezes pelo sacrifício do setor agrícola brasileiro. Preço baixo para o consumidor pode, muitas vezes, significar a inviabilidade do produtor.

WR - Em sua carreira como grande agricultor, o senhor conheceu algum exemplo de utilização eficaz da terra que pudesse ser seguido em nível nacional?

Blairo - Como cidadão tenho visto vários exemplos. O cooperativismo é um deles. Mas, quando se fala em estabelecer uma política global, é preciso analisar com mais cuidado. Talvez precisemos de vários modelos, adaptáveis a cada região do país.

WEG



▶ Sistema de irrigação por pivô central

▶ *Há muito tempo a WEG é parceira de indústrias que atuam no campo, e vem acompanhando o desenvolvimento do setor*

A Fazenda Boa Esperança, situada em Paracatu (Nordeste de Minas Gerais), é um exemplo de sucesso no aproveitamento da terra no Brasil. Ocupando uma área de 6 mil hectares, a Fazenda consegue elevados índices de produtividade, tanto na produção de grãos para sementes, quanto na criação de gado de corte.

Uma das razões do êxito nas atividades da Fazenda é o método de “irrigação inteligente”, que consiste no bombeamento da água represada até um reservatório de 150 m x 150 m x 3 m (piscinão), de onde a água é redistribuída para os pivôs de irrigação. Neste processo foram utilizados motores WEG e bombas KSB para os pivôs Valmont com lâmina d’água efetiva de 10 mm. Com isto, obteve-se uma economia recorde de energia elétrica, pois o resultado foi uma relação de 1,5 cv/Ha, meta-

de do usual. “Com certeza, os motores WEG de alto rendimento contribuíram muito para o resultado de sucesso”, garante o engenheiro civil Luiz Antonio Sabonge, proprietário da Fazenda Boa Esperança.

Os produtos WEG utilizados na Fazenda estão aplicados em equipamentos produzidos pela Valmont, de Uberaba (MG), fabricante dos produtos Valley para irrigação. Estes produtos são projetados e fornecidos pela Pivot, empresa de projetos, montagem e distribuição com sede em Goiânia e loja em Paracatu. A WEG mantém parceria com a Pivot desde 1989 quando esta empresa foi fundada. A Pivot compra da WEG 100% dos motores elétricos usados nos equipamentos que projeta e monta, além de grande parte das chaves de partida para motores elétricos e peças de reposição, como fusíveis, relés térmicos, contadores e relés de tempo.



▶ Interior da casa de bombas, com motores WEG



▶ Ainda na casa de bombas, painéis eletrônicos WEG

O pacote

Os produtos WEG atualmente instalados na Fazenda Boa Esperança:

- Três chaves de partida Soft Starter para motores de 125 cv, utilizadas no acionamento de três conjuntos de moto-bombas que bombeiam água para um reservatório elevado (piscinão); este reservatório alimenta cinco pivôs de irrigação, com uma área total irrigada de 540 hectares.
- Cinco chaves de partida Soft Starter para motores de 60 e 75 cv, utilizadas no acionamento das moto-bombas dos pivôs a partir do reservatório elevado. Como estas chaves são totalmente automáticas, e são utilizadas em conjunto com os painéis eletrônicos dos pivôs Valley, pode-se fazer a programação para que os equipamentos se liguem e se desliguem automaticamente, sem necessidade de um operador para o sistema, o que diminui sensivelmente os custos e facilita a operação.
- A Fazenda tem ainda diversos painéis WEG, utilizados nos pivôs centrais que a fazenda possui.

>>> A Boa Esperança

A Fazenda Boa Esperança dedica-se à produção de grãos para sementes de milho, sorgo, soja e feijão. O trabalho é desenvolvido em parceria com a Bayer Seeds, empresa que atua em nível internacional, e desenvolve, na região, as culturas das sementes. Com aproximadamente 6 mil hectares de área, a Fazenda também se dedica à pecuária de corte (cria e cria de nelore em pastagens artificiais).

As lavouras, num total de 950 hectares, são irrigadas por pivôs centrais Valmont há aproximadamente 15 anos. Para Luiz Antonio Sabon-

ge, o atendimento pré e pós-venda da Valmont e de seus parceiros WEG e KSB “foi sempre feito com altíssimo padrão e qualidade”.

A Fazenda Boa Esperança dedica uma preocupação especial ao meio ambiente, desenvolvendo um projeto de planejamento ambiental devidamente aprovado nos órgãos governamentais. Outra ação da Fazenda é voltada ao bem-estar da comunidade e a seus trabalhadores. A empresa desenvolve programas comunitários e está finalizando a construção de um centro recreativo e educativo, promovendo cursos na própria Fazenda.



▶ Casa de bombas, junto ao reservatório (piscinão)

Catálogo eletrônico on line

➤ *Mais interatividade marca a versão on line do catálogo com produtos WEG*

O Catálogo Eletrônico de produtos WEG está disponível on line. Todas as informações foram migradas da versão em CD para a WEB, garantindo acesso fácil, amplo, em tempo real e irrestrito a qualquer usuário que visitar o site da empresa (www.weg.com.br).

Além de mais informações, os dados foram dispostos de forma a facilitar a navegação, sem complicações e interrupções. Além das informações e manuais sobre produtos que já haviam sido disponibilizadas no site, durante a remodelação o aplicativo com todas as especificações técnicas dos produtos foi transformado em linguagem para a internet e transferido para o catálogo on line. Com apenas um toque no mouse, o usuário também terá acesso à ficha técnica, desenhos, curvas e downloads específicos de cada produto. Arquivos, manuais e os principais artigos técnicos gerados pela empresa também estão lá. Outras novidades são o uso da régua de cálculo da WEG Acionamentos para fazer partida de motor, o link para correção do fator de potência e testes de retorno de investimento e desempenho do produto, a partir de valores reais.

naWEG+ Catálogo completo

Diferenciais

A interatividade, a quantidade e o teor das informações são os principais diferenciais oferecidos pelo catálogo on line. Tudo que o cliente precisa especificar em projetos que deseja implantar está disponível, de forma completa e precisa. A atualização de informações é automática.

Para acessar o catálogo é só entrar no site e clicar em produto, escolher o mercado e navegar tranquilamente em busca das informações desejadas. Os dados estão disponíveis em português, inglês e espanhol. Ao mesmo tempo em que consulta o catálogo, o usuário pode voltar e acessar qualquer outra área do site. É a WEG em sintonia permanente com os clientes!

➤ Telas do catálogo permitem interatividade



Consumo excessivo está proibido



✚ *Lei proíbe a venda de motores elétricos com consumo excessivo de energia; WEG já atende especificações*

>>> Lei de Eficiência Energética

Principais pontos:

ARTIGO 3º - O **indicador** de eficiência energética a ser utilizado é o **rendimento nominal**

ARTIGO 7º - O **processo de avaliação** da conformidade é através do **Programa Brasileiro de Etiquetagem**.



A chamada “Lei de eficiência energética” (Lei 10.295) que entrou em vigor no dia 12 de dezembro, proíbe a venda no país de motores elétricos com consumo excessivo de energia. Os limites de energia devem ser estendidos a todos os equipamentos energéticos, inclusive os que usam combustíveis líquidos.

Já estão proibidas a fabricação e a importação de motores isolados que apresentem eficiência energética inferior aos limites fixados pelo instituto nacional de Metrologia (Inmetro). Os equipamentos motrizes da indústria com motores incorporados poderão ser comercializados até 31 de julho de 2003.

A nova Lei foi sancionada em 17 de outubro de 2001, mas teve de esperar mais de um ano para sentir a primeira consequência prática. Nesse tempo, o governo negociou os ajustes com as indústrias e os técnicos fizeram estudos e regulamentos neces-

sários. A WEG foi consultada sobre a viabilidade técnica dos produtos para atender a Lei, e a resposta foi de total apoio e acordo às regras.

Para a empresa as especificações não são nenhuma novidade e não acarretam mudanças radicais na fabricação. Isso porque a WEG se antecipou em mais de um ano e, desde janeiro de 2002, já atende integralmente as especificações da nova Lei. A WEG está integralmente na Lei desde essa data, tanto em relação aos rendimentos mínimos para a linha Standard quanto Alto Rendimento Plus. “Todos os motores WEG estão dentro dos limites de eficiência de energia. Os produtos vêm sendo melhorados continuamente ao longo dos anos”, afirma Mauro Mendes, gerente do Departamento de Vendas Industriais.

Alto Rendimento Plus

A linha de motores Alto Rendimento Plus é comercializada pela WEG há mais de 10 anos. “O mercado desse tipo de produto vem crescendo a taxas muito maiores do que o motor normal e, hoje, têm representação expressiva na matriz de vendas da WEG, não só no mercado externo mas interno,” destaca Mauro Mendes.

Atualmente, cerca de metade das vendas WEG comercializa e mantém estoque de motores Alto

Rendimento Plus. Para apoiar a instalação desses motores, há cerca de cinco anos a WEG disponibiliza aos clientes o Plano de Troca, onde a empresa aceita o motor usado como moeda de troca. Os motores usados são comprados e reciclados pela empresa, contribuindo com a preservação da natureza. No ano passado a empresa conseguiu reciclar 5 mil carcaças, quantidade equivalente à produção de 2 mil motores de 15 CV 4 pólos.

Tudo pela qualidade de vida

▶ *Tratando bem os funcionários, a WEG investe na qualidade de vida da própria comunidade*

Cultura, lazer, esporte, diversão, saúde, alimentação saudável, bem-estar físico e emocional... A soma de tudo isso se traduz em qualidade de vida. Ninguém consegue viver bem, se não tiver tempo para cuidar da saúde, conviver com a família e amigos, se divertir... É por isso que, todos os anos, a WEG investe em ações para a maior felicidade e satisfação de colaboradores, familiares e comunidade. Os números referentes ao balanço social de 2002 comprovam.



»»Números em destaque

R\$ 5,94
milhões em alimentação

R\$ 4,66
milhões em saúde

R\$ 4,03
milhões em Previdência

R\$ 3,82
milhões em educação

R\$ 1,5
milhões em investimento em cidadania

R\$ 1 milhão
em ações ambientais



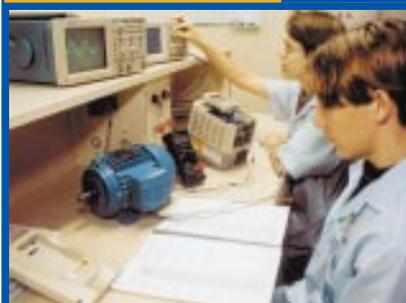
Os investimentos para uma alimentação saudável, balanceada e de acordo com as normas nutricionais chegaram a R\$ 5,94 milhões.



Ter saúde é básico. E para oportunizar o acesso a médicos e exames e à prevenção, a WEG investiu R\$ 4,66 milhões em assistência médica e odontológica para os colaboradores.



No plano de previdência privada, mantido pela empresa para garantir um futuro com renda extra e vida digna aos colaboradores, foram investidos R\$ 4,03 milhões.



Incentivar o estudo e oferecer benefícios para o aperfeiçoamento dos colaboradores é compromisso firmado e seguido pela WEG. Em 2002, os investimentos em educação somaram R\$ 3,82 milhões.



O respeito e a preocupação pela conservação da natureza resultaram em investimento de mais de R\$ 1 milhão em ações ambientais. Em 2002 a empresa registrou a conquista da ISO 14001 pela WEG Química.



A WEG destinou R\$ 1,5 milhão em recursos para a comunidade. Mas não são só os recursos financeiros que marcam a atuação da empresa na comunidade. O trabalho voluntário em todos os níveis hierárquicos aumentou 5% em 2002. A Ação Comunitária WEG, tradição no mês de aniversário da empresa, mais uma vez foi destaque, garantindo saúde, lazer e cidadania para a população e envolvendo 50 parceiros e 500 voluntários.

Planejamento e Ação!

▶ *38ª Conweg enfatizou a necessidade de planejar e agir rapidamente, estabelecendo metas e superando desafios*

O ano de 2002 teve um balanço positivo para a WEG. O faturamento cresceu 21%, ultrapassando R\$ 1,5 bilhão e garantindo o alcance de 100% das metas estabelecidas. Os investimentos gerais passaram de R\$ 132 milhões. A meta para 2003 é crescer 26% e passar de R\$ 1,9 bilhão em faturamento.

São objetivos expressivos e otimistas, baseados em análises de mercado e que contam com o trabalho de equipe para ser atingidos. A mobilização começou com a integração da diretoria e dos representantes de todo o país na 38ª Conweg - Convenção Nacional WEG -, de 14 a 17 de janeiro, na matriz da empresa, em Jaraguá do Sul.

Resultados

A Conweg reuniu cerca de 100 representantes, decisivos para as conquistas em 2002 e imprescindíveis para fechar 2003 com resultados positivos. Durante o encontro foi debatido o tema "Planejamento e Ação", visando a comemoração dos resultados do ano passado, a divulgação das metas para 2003 e a motivação para continuar o trabalho.

A programação envolveu reuniões nas empresas WEG, palestra com o navegador Amyr Klink e atividades de lazer. A confraternização renovou o espírito e motivou a todos para atingir o crescimento determinado.

▶ Grupo de teatro da Sociedade Cultural Artística apresentou peças e interagiu com os convencionais



FOTOS: FLÁVIO UETA



▶ Representantes exercitaram a habilidade em torneio de paint ball

WEG a bordo



▶ Amyr Klink recebeu o motor das mãos de Décio da Silva, presidente executivo da WEG

O navegador Amyr Klink ganhou um motor Shark WEG, já instalado em seu veleiro Paraty 2. Atualmente, Klink prepara-se para mais uma aventura, agora contornando o círculo polar ártico. Ele deverá partir no final deste semestre, aproveitando o verão no hemisfério norte.

>>> Nova concepção em segurança

A WEG mais uma vez apresenta uma novidade no mercado, com o lançamento mundial da linha Smoke. É uma linha de motores desenvolvidos para o funcionamento normal de ventilação e exaustão de áreas com grande concentração de pessoas, como shopping centers, estacionamentos fechados, túneis, estações de metrô etc., com a garantia de que, em caso de incêndio, o motor opere por um determinado período num ambiente com altas temperaturas, até 400° C, mantendo a ventilação/exaustão de fumaça para permitir a retirada das pessoas do local.

“Não há normas brasileiras que determinem o uso do motor, mas o equipamento segue normas europeias que fatalmente vão chegar ao país”, explica Mauro Mendes, gerente do departamento de Vendas Industriais da WEG Motores. O projeto surgiu a partir de uma exigência do mercado europeu, depois de acidentes



ocorridos em túneis em 2000 e 2001, em que a cortina de fumaça dificultou o trabalho de resgate.

O motor tem plano de pintura modificado, placa de bornes de cerâmica e graxa que suporta altas temperaturas e prolonga a vida dos rolamentos. Tem outros benefícios, como

atraso na disseminação do fogo, redução de riscos e perdas nas instalações e redução da temperatura.

Antecipação

O corpo de bombeiros da cidade de Jaraguá do Sul (SC), tomando conhecimento deste lançamento, sugeriu que a Sociedade Cultura Artística instalasse um desses motores na escada de emergência do Teatro Municipal. O investimento substituiu a construção de uma escada externa.

Acredita-se que esta seja uma tendência na construção civil, de oferecer maior segurança com menor custo. Hoje há uma norma regulamentando o uso deste tipo de motor na Europa, e em breve deverá ser adotada em outros países, como Estados Unidos e Japão. Enquanto isso, o Brasil já antecipa em oferecer condições mais seguras ao público.

Melhor fornecedor da Petrobras

A Petrobras escolheu a WEG como Melhor Fornecedor de Materiais, na categoria Grandes Contratos, da Unidade do Rio Grande do Norte e Ceará. O Prêmio Petrobras Melhores Fornecedores 2001 foi entregue em dezembro, em Natal (RN). O Prêmio foi criado há quatro anos, para homenagear os fornecedores que mais se destacam em todas as etapas do atendimento.

A Unidade de Exploração e Produção do Rio Grande do Norte e Ceará aplicou R\$ 498 milhões, em 2001, na aquisição de bens e serviços, envolvendo cerca de 2 mil fornecedores. Destes, 400 preencheram os requisitos básicos para concorrer. Apenas três fornecedores de materiais e três de serviços são premiados, nas categorias Grandes Contratos, Pequenos e Médios Contratos e Fornecedores Regionais.

O gerente de Marketing Paulo Donizeti de Abreu, que recebeu o prêmio em nome da WEG, fez uma

DIVULGAÇÃO



Paulo Donizeti (em pé) fala durante a solenidade de premiação

palestra sobre a construção da marca institucional, abordando a história da empresa e o relacionamento com clientes.

>>> ISO 9001 para a Buscarioli

FOTOS HUDSON MOTTA



Loja da Eletro Buscarioli (à esq.) no bairro Belém, em São Paulo; Sidinei Buscarioli e o certificado ISO 9001:2000

A Eletro Buscarioli Ltda., maior revenda integrada e assistência técnica WEG na América Latina, acaba de receber a certificação ISO 9001:2000, concedida pela certificadora norueguesa DNV. É a primeira revenda WEG a ser certificada pela versão 2000. Distribuidora WEG há 27 anos, a Buscarioli tem hoje o maior estoque de motores, automação e acionamentos fora da própria WEG.

Para Sidinei Buscarioli, diretor da empresa, a certificação é resultado do esforço permanente em busca da qualidade total. “É por isso que o cliente nos dá a preferência, pois tem a certeza de que, além do produto ou serviço adquirido, estará tranquilo no tocante à qualidade, e é isso que a WEG exige de nós, pois somos uma

extensão da fábrica”, diz o diretor. Para ele, é imperioso acompanhar as tendências do mercado e se aperfeiçoar sempre. “Como estamos na linha de frente - acrescenta -, precisamos estar em sintonia com tudo que acontece a cada segundo, procurando sempre, através da melhoria contínua, atingir a plena satisfação de nossos clientes, colaboradores e da WEG.” O resultado desse esforço, para Buscarioli, é que, além de ser um destaque na área de revenda e serviços, é a única empresa da rede de Assistência Técnica Autorizada a obter o título de categoria Cinco Estrelas nas três empresas do Grupo WEG que fazem parte deste programa: Motores, Máquinas e Transformadores.

>>> Prêmio Abamec na mão



FERNANDO FERREIRA

Alidor Lueders (centro), com o Prêmio Prata

O diretor Administrativo da WEG, Alidor Lueders, recebeu no final do ano passado, em São Paulo, o Prêmio Prata da Abamec - Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais. A distinção é concedida às empresas que apresentam números e resultados financeiros na Abamec - SP durante cinco anos consecutivos. O objetivo é valorizar a transparência das companhias de capital aberto.

Melhor desempenho global



A WEG foi a campeã absoluta no item Motores Elétricos de Indução (BT), do Prêmio Qualidade 2003, da revista *Eletricidade Moderna*, tendo recebido o maior volume individual de indicações de toda a pesquisa (94,3% dos votos). Com o resultado, a empresa alcançou, pela terceira vez consecutiva, o Melhor Desempenho Global, como a marca mais lembrada em toda a pesquisa. A WEG também continua líder na categoria Transformadores MT/BT a Óleo, tendo recebido 39,3% dos votos.

Essa foi a 14ª edição da pesquisa, que envolveu 7 mil leitores, abrangendo 58 produtos e equipamentos elétricos. A consulta entre os leitores é dirigida pela revista exclusivamente aos profissionais de eletricidade, colhendo a visão do técnico formado, com conhecimento e experiência real e rotineira em produtos de instalação elétrica e de iluminação. A imagem das marcas de produtos e equipamentos elétricos vem sendo detectada junto ao meio técnico profissional desde 1990.

A entrega do prêmio será no dia 25 de março, em São Paulo.

Quem planta, colhe

▶ *O solo brasileiro “tudo dá”, mas é necessário que se plante mais e se modernize a lavoura*



DIVULGAÇÃO

Décio da Silva
Diretor-presidente
executivo da WEG

“**E**les não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.”

Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel

O Brasil já não é mais o país do “em se plantando, tudo dá”. Aliás, nunca foi, se lermos com mais atenção a famosa carta que virou uma espécie de certificado de nascimento do país.

Apesar de no começo dar uma impressão errada, o Brasil tem uma vocação natural para a agricultura.

Essa vocação nos coloca, por exemplo, entre os cinco maiores produtores de soja e milho e entre os 10 maiores exportadores de produtos agrícolas do mundo.

Hoje os negócios relacionados com o campo estão entre as maiores forças da economia brasileira. Dados da Confederação Nacional da Agricultura mostram que a balança agropecuária brasileira registrou um saldo de US\$ 13,5 bilhões de janeiro a outubro de 2002, resultado 6,44% superior ao do mesmo período de 2001. O valor das exportações agropecuárias foi de US\$ 17,15 bilhões (52,81 milhões de toneladas), um aumento de quase 5%, em relação ao mesmo período de 2001.

Cada vez mais a agricultura e a

pecuária chamam a atenção como negócio, e as fazendas são encaradas e administradas como empresas. Os produtores já perceberam essa mudança e investem em maneiras de reduzir custos e aumentar a lucratividade. Agora é hora da nova cadeia de fornecedores, não só os tradicionais do ramo de máquinas agrícolas, fertilizantes e outros, enxergar o potencial do campo. A WEG há muito tempo é parceira de indústrias que trabalham diretamente no segmento e está presente em um sem número de fazendas no ramo de irrigação, silagem e outros.

Aproveitar as vocações naturais de um país é o primeiro - e talvez mais importante - passo em direção ao desenvolvimento. Investir nessa vocação de 500 anos só pode nos trazer bons resultados, como já vem trazendo. Não é preciso reinventar a roda para o país crescer nesse segmento,

basta fazer as correções de rota normais em qualquer negócio.

Os primeiros habitantes do Brasil não tinham problema com comida. A natureza se encarregava de prover o necessário para uma dieta rica e balanceada. Mais de 500 anos se passaram, e o combate à fome virou assunto principal no país. Está mais do que na hora de resolvermos esse grave problema social, muito mais presente na distribuição e no desperdício dos alimentos do que na produção.

O Brasil já produz comida suficiente para alimentar sua população mais de uma vez. Temos recursos naturais, tecnologia e competência humana de sobra para produzir mais no campo e na indústria. Basta plantarmos as sementes certas. 

O combate à fome exige a resolução de graves problemas sociais que afligem o Brasil

Saiba
porque a
WEG
tem tudo
a ver com
**TRANSFORMAÇÃO
DE ENERGIA
EM SOLUÇÕES**

Navegue na WEG www.weg.com.br



Catálogo  ELETRÔNICO



*Transformando energia
em soluções*

SAIDA

Às vezes, tudo o que se precisa é um pouco mais de tempo

Alguns minutos a mais podem ser a diferença entre um susto e uma tragédia.

Por isso a WEG desenvolveu o **Smoke Motor**, um motor para extração de fumaça e calor que suporta por tempo determinado temperaturas até 400°C.

Em caso de incêndio, o sistema de ventilação equipado com o Smoke Motor continua trabalhando para tirar a fumaça e o calor do ambiente, dando mais tempo para as pessoas se retirarem do local.

Smoke Motor. O motor que salva vidas.

LANÇAMENTO



*Transformando energia
em soluções*

Acesse o catálogo eletrônico

Navegue na WEG www.weg.com.br

(41) 372-4000